

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

CRÍTICA DE ARTE TEXTOS COLIGIDOS I

CINEMA E ARTES CÊNICAS

Adelcio Machado dos Santos

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2024

CRÍTICA DE ARTE TEXTOS COLIGIDOS I

CINEMA E ARTES CÊNICAS

Adelcio Machado dos Santos

EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Adelcio Machado dos Santos

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

EDIÇÃO DE TEXTO

Natan Bones Petitemberte

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

AdobeStok

2025 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2025 Os Autores

Copyright da Edição © 2025 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CORPO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Profº Me. Isabele de Souza Carvalho

CORPO EDITORIAL

Pedro Henrique Ferreira Marçal - Vale do Rio Doce University
Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Marcos Garcia Costa Morais - Universidade Estadual da Paraíba
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás Campus Ceres
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Wanderson Santos de Farias - Universidade de Desenvolvimento Sustentável
Maria Gorete Valus - Universidade de Campinas
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Yuni Saputri M.A - Universidade de Nalanda, Índia
Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí, CEAD
Anderson Nunes Da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores Buenos Aires
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Marcelo Silva de Carvalho- Universidade Federal de Alfnas
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

S237c

Santos, Adelcio Machado dos.

Crítica de arte [recurso eletrônico] : textos coligidos I :
cinema, artes e artes cênicas / Adelcio Machado dos Santos. –
São José dos Pinhais, PR: Seven Editora, 2025.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6109-140-4

1. Cinema. 2. Artes cênicas. 3. Atuação. Título.

CDU 791.43

Índices para catálogo sistemático:

1. CDU: Cinema 791.43

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

DOI: 10.56238/livrosindi202502-001

Seven Publicações Ltda
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

DECLARAÇÃO DO(A) AUTOR(A)

O(a) autor(a) deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a DIVULGAÇÃO DO TRABALHO pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos CRÉDITOS à SEVEN PUBLICAÇÕES, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

BIOGRAFIA DO AUTOR

O Professor Dr. Adélcio Machado dos Santos, advogado e jornalista (MT/SC 4155), com militância em Jornalismo Cultural e Crítica de Arte. Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. O núcleo temático de estudo envolve as linhas de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade, Estudos Culturais e Interdisciplinaridade.

Ex-Reitor, coordenador, vogal da Comissão Própria de Avaliação (CPA), Núcleos Docentes Estruturante (NDE) e colegiado da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), na cidade de Concórdia, em Santa Catarina. Integrou os Conselhos Estaduais de Educação e, Cultura e Desportos em Santa Catarina. Atuou como assessor na Assembleia Constituinte de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Tribunal de Contas de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Fazenda.

É avaliador científico de projetos, eventos, editoras e periódicos. Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação (BASIs), Banco Nacional de Itens (BNI), Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE/SC) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

É membro das organizações de pesquisa: Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito (CONPEDI), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e Associação Brasileira de Apoio Cannabis Esperança (ABRACE).

Deu a lume a 47 livros, 165 capítulos de livros e 370 artigos científicos publicados em periódicos acadêmicos.

PREFÁCIO

A Crítica de Arte desempenha papel fundamental na evolução e compreensão das manifestações artísticas ao longo da história. É através dela que se estabelecem diálogos entre o artista, a obra e o público, propiciando reflexões que vão além da estética e do belo, adentrando os campos da cultura, da sociedade e da subjetividade humana.

O livro "Crítica de Arte – Textos Coligidos I" reúne textos diversos, originalmente publicados em jornais, que abrangem desde estudos específicos sobre artistas, obras, críticos de arte e até dissertações doutrinárias que exploram as teorias e os fundamentos.

Este livro se configura em uma janela para o vasto universo da Arte na área do cinema, fotografia e os rumos da televisão, proporcionando ao leitor uma imersão nas múltiplas perspectivas e abordagens que compõem o rico mosaico da crítica artística.

Os textos compilados aqui foram escolhidos não apenas pela qualidade e profundidade de suas análises, mas também por seu caráter representativo das diversas correntes e pensamentos que permeiam o campo da Crítica de Arte.

Cada texto, em seu contexto original, contribuiu para o debate cultural e artístico de seu tempo, e, agora, reunidos nesta coletânea, oferecem uma visão abrangente e multifacetada sobre o papel da crítica na valorização e na interpretação das artes.

Ao longo das páginas desta obra, o leitor encontra reflexões que abrangem diferentes períodos históricos e movimentos artísticos, desde as vanguardas do início do século XX até as expressões contemporâneas.

Cada artigo presente neste livro é uma peça de um quebra-cabeça maior que busca entender como a arte dialoga com o mundo e como a crítica atua como mediadora nesse processo.

A decisão de compilar estes textos em um único volume partiu do desejo de preservar e difundir o pensamento crítico sobre a arte, tornando-o acessível a um público mais amplo.

A Crítica de Arte é essencial para contextualizar as obras dentro de um panorama histórico, cultural e social. Ela permite que o público compreenda melhor as intenções do artista, os movimentos e as influências que moldam a obra e o impacto que ela pode causar na sociedade. Sem a crítica, muitas obras podem ser mal interpretadas ou subvalorizadas, perdendo o potencial de provocar reflexões profundas e transformadoras.

Ademais disso, contribui para a formação de um diálogo crítico e informado sobre a produção artística. Ela desafia o público a pensar além das aparências superficiais e a considerar questões mais profundas e complexas. As análises detalhadas e reflexões bem fundamentadas dos críticos de Arte ajudam a elevar o nível do debate cultural, incentivando um público mais engajado e consciente.

De outro vértice, a crítica de Arte desempenha um papel educativo. Ela não apenas informa e orienta o público sobre as obras, mas também educa sobre os princípios e as técnicas da arte. Ao explicar conceitos complexos e contextos históricos, a crítica torna a arte mais acessível e apreciável para um público mais amplo, incluindo aqueles que podem não ter formação especializada na área.

Em última análise, a crítica de arte configura “know how” indispensável para a compreensão, valorização e preservação das obras de arte. Ela enriquece o diálogo cultural, influencia o mercado de arte e educa o público, desempenhando um papel crucial na promoção de uma apreciação mais profunda e informada da arte. Sem a crítica, a arte perde muito do seu potencial de impacto e transformação, tornando-se uma experiência menos rica e menos significativa para a sociedade.

Neste volume, a coletânea de artigos reflete a riqueza e a diversidade da crítica de Arte, abordando modalidades distintas, tais como: Cinema, Fotografia e Televisão. Os artigos dedicados ao teatro oferecem uma leitura crítica das produções cênicas, considerando elementos como a dramaturgia, a interpretação dos atores, a cenografia, a direção, a crítica e a arte-educação.

A crítica circense se apresenta como um espaço de reflexão sobre as complexidades das encenações e a maneira como essas dialogam com questões sociais, políticas e culturais.

A crítica cinematográfica nos artigos compilados oferece insights sobre a linguagem cinematográfica, abordando aspectos como roteiro, direção, fotografia e atuação. Os críticos examinam como os filmes comunicam suas histórias e como provocam emoções no público, explorando as tendências do cinema contemporâneo e as obras que deixaram um legado duradouro na sétima arte.

A efervescência criativa é fundamental para o progresso social, porquanto impulsiona a inovação em diversas áreas, desde a tecnologia até a Ciência. As sociedades que valorizam e promovem a cultura tendem a ser mais dinâmicas e abertas a novas ideias, o que é crucial para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Por final, destina-se a todos os amantes da arte, estudiosos, críticos, artistas e leitores curiosos que desejam explorar a riqueza das análises críticas e compreender melhor os processos criativos e interpretativos que envolvem a produção artística.

Que cada texto possa inspirar novas reflexões e contribuir para o contínuo desenvolvimento do pensamento crítico sobre a Arte.

Adelcio Machado dos Santos

SUMÁRIO

EM QUE CONSISTEM AS ARTES CÊNICAS?.....	10
CINEMA – ENTREMENTES ARTE E INDÚSTRIAS.....	11
O BRASIL DEVE APOIAR O CINEMA NACIONAL.....	12
CRÍTICA DE CINEMA – ALIADA DO CINÉFILO.....	14
A SAGA MAD MAX.....	16
A SAGA BLAD RUNNER – FILOSOFIA DA TECNOLOGIA SOB A FORMA DE ARTE.....	18
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA – O IMPACTO DE ENREDO TRISTE.....	20
“SETE HOMENS E UM DESTINO” – PERFIL DE UM CLÁSSICO.....	22
SERIADO - DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA PARA O MUNDO.....	24
ENNIO MORRICONE – O MÚSICO DO CINEMA.....	26
CRÍTICA DE CINEMA.....	28
GUILHERME DE ALMEIDA – GRANDE CRÍTICO DE CINEMA.....	30
SÁBATO MAGALDI – O CRÍTICO DE TEATRO.....	32
CIRCO - ARTE SECULAR.....	34
ARTE-EDUCAÇÃO – ABORDAGEM INICIÁTICA.....	36
A RELEVÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	38
ARTE E TECNOLOGIA NA PÓS-MODERNIDADE.....	39

Dedico este livro ao
Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

Em primeiro plano, as Artes Cênicas constituem um vasto e cativante domínio que engloba diversas formas de expressão artística, desde o teatro tradicional até performances contemporâneas. Este universo multifacetado transcende fronteiras culturais e temporais, refletindo as complexidades e diversidades da condição humana.

De outro vértice, no cerne das Artes Cênicas está o teatro, uma forma ancestral de arte que remonta aos primórdios da civilização. O teatro, em sua essência, é uma representação da vida, onde atores encarnam personagens e narrativas para entreter, provocar reflexões ou simplesmente contar histórias.

Desde as tragédias gregas até as modernas peças experimentais, o teatro evoluiu e se adaptou, mantendo-se como um espelho da sociedade em constante mudança.

Ademais do teatro, as Artes Cênicas abrangem uma variedade de outras formas de expressão, incluindo dança, ópera, circo e performance *art*. Cada uma dessas disciplinas possui suas próprias técnicas, tradições e estilos, contribuindo para a riqueza e diversidade do panorama cênico.

A dança, à guisa de exemplo, é uma linguagem corporal que transcende as barreiras linguísticas, comunicando emoções, narrativas e conceitos abstratos através do movimento. Desde as elegantes coreografias clássicas até as expressivas formas contemporâneas de dança, este meio artístico continua a cativar audiências em todo o mundo.

A ópera combina música, drama e cenografia para criar espetáculos grandiosos e emocionantes. Originária da Itália no final do século XVI, a ópera tem sido uma das formas mais exuberantes e emocionantes de expressão artística, contando histórias épicas e explorando os limites da voz.

O circo, por sua vez, é uma celebração do extraordinário, apresentando acrobatas, malabaristas, palhaços e uma variedade de artistas talentosos em performances que desafiam a gravidade e deslumbram o público de todas as idades.

A “performance” expande os limites da expressão artística, muitas vezes desafiando convenções e expectativas. Desde intervenções públicas até performances intimistas, os artistas de performance exploram questões sociais, políticas e pessoais de maneiras provocativas e inovadoras.

Em epítome, as Artes Cênicas configuram celebração da criatividade humana e uma reflexão da diversidade e complexidade do mundo que habitamos.

Por fim, ao unir artistas e espectadores em experiência compartilhada, as Artes Cênicas têm o poder de inspirar, provocar e transformar, tornando-se parte vital do tecido cultural de todas as sociedades.

Em primeiro lugar, o cinema se configura em modalidade de expressão cultural que transcende fronteiras geográficas e temporais, enraizada na interseção entre arte e indústria. Ao longo dos anos, tem sido objeto de intenso debate sobre sua natureza dual: é uma forma de arte ou uma indústria comercial? A verdade é que o cinema é ambas as coisas, e é nessa intersecção que reside sua riqueza e complexidade.

De um vértice, o cinema é indiscutivelmente uma forma de arte. Desde os primórdios do cinematógrafo de Lumière até as mais recentes obras-primas cinematográficas, o cinema tem sido um veículo poderoso para a expressão criativa.

Diretores, roteiristas, cineastas e artistas visuais utilizam o meio cinematográfico para contar histórias, transmitir emoções e explorar as profundezas da condição humana. A cinematografia, a direção de arte, a trilha sonora e a atuação são apenas algumas das muitas facetas que convergem para criar uma experiência artística única para o espectador.

Todavia, entretanto, o cinema constitui uma indústria em constante evolução. Desde os primeiros estúdios cinematográficos até os conglomerados multimilionários de *Hollywood*, o cinema sempre foi impulsionado por considerações comerciais.

Os filmes são produzidos com o intuito de entreter, cativar e, é claro, gerar lucro. Os estúdios investem milhões em produções, *marketing* e distribuição, buscando maximizar o retorno sobre seus investimentos. Nesse contexto, o cinema se torna uma mercadoria, sujeita às pressões do mercado e às demandas do público.

Além disso, o cinema como indústria tem um impacto profundo na sociedade em geral. Os filmes têm o poder de influenciar a opinião pública, moldar a cultura popular e até mesmo impulsionar mudanças sociais. Ao mesmo tempo, a indústria cinematográfica enfrenta críticas por sua falta de diversidade, representação inadequada e comercialização excessiva.

Por conseguinte, é evidente que o cinema é uma forma de arte e uma indústria, e é precisamente essa dualidade que o torna tão fascinante. Enquanto continua a evoluir e se adaptar às mudanças tecnológicas e sociais, o cinema permanece como uma poderosa forma de expressão que transcende fronteiras e conecta pessoas de todas as origens.

Em epítome, a interação dinâmica entre arte e indústria no cinema é um reflexo da complexidade da condição humana e da busca incessante pela criação e inovação.

Preliminarmente, o Brasil se constitui de vasta diversidade cultural, social e geográfica, características que se refletem de maneira única em sua produção cinematográfica. Apoiar o cinema nacional é, antes de tudo, reconhecer o valor inestimável dessa indústria como uma ferramenta de expressão cultural, preservação da memória e reflexão social.

A importância do cinema brasileiro vai além do entretenimento, desempenha um papel fundamental na construção e fortalecimento da identidade nacional, promovendo um entendimento mais profundo da nossa história, costumes, e desafios.

Outrossim, uma das razões primordiais para o apoio ao cinema nacional reside no fato de que ele é um veículo poderoso para contar histórias brasileiras, sob a perspectiva dos próprios brasileiros.

Diferentemente das grandes produções estrangeiras, muitas vezes pautadas por uma visão externa e, por vezes, estereotipada do Brasil, o cinema nacional tem a capacidade de explorar a riqueza de nossas narrativas com autenticidade e profundidade.

Filmes como "Cidade de Deus", "Central do Brasil" e "Bacurau" são exemplos emblemáticos de obras que conseguem captar reproduzindo a complexidade social do país, levando essas histórias para além de nossas fronteiras e mostrando ao mundo um Brasil multifacetado e real.

Ademais disso, o cinema nacional é um potente instrumento de desenvolvimento econômico. A indústria cinematográfica gera empregos diretos e indiretos, desde a produção até a exibição, além de movimentar outros setores como turismo, moda e gastronomia.

O apoio estatal e privado ao cinema resulta em um ciclo virtuoso, onde o incentivo à produção audiovisual impulsiona a economia criativa gerando renda e fomentando a inovação. Em tempos de crise econômica, investir em cultura pode parecer um luxo, mas, na verdade, é uma estratégia de desenvolvimento sustentável e de longo prazo.

Destarte, o sufrágio ao cinema nacional também é crucial para garantir a diversidade cultural e evitar a hegemonia cultural estrangeira, particularmente a norte-americana, que domina as salas de cinema e plataformas de *streaming* no Brasil.

Ao apoiar o cinema brasileiro, assegura-se que a pluralidade de vozes, sotaques e histórias do país tenha espaço e visibilidade, contribuindo para uma cultura mais rica e inclusiva.

Este apoio é fundamental para que o cinema brasileiro continue a se reinventar e a oferecer produções que dialoguem com o público local, sem perder de vista o cenário global.

Outro ponto a ser considerado reside no papel do cinema na educação e formação cidadã. Filmes nacionais, ao retratar a realidade brasileira, oferecem uma oportunidade única para a discussão de temas relevantes para a sociedade, como a desigualdade, a violência, a questão racial e os direitos humanos.

Integrar o cinema às políticas públicas de educação pode ser uma estratégia eficaz para estimular o senso crítico dos jovens e promover uma cidadania mais ativa e consciente.

No entanto, o apoio ao cinema nacional não deve ser visto apenas como uma responsabilidade do Estado. É necessário um esforço conjunto que envolva também a iniciativa privada, o público e os próprios cineastas.

Parcerias público-privadas, políticas de incentivo fiscal e a criação de fundos específicos para o audiovisual são algumas das medidas que podem ser adotadas para fortalecer o setor.

Ademais disso, o público brasileiro precisa se engajar mais com as produções nacionais, valorizando e consumindo o que é produzido em nosso país.

Em epítome, o Brasil deve, sim, apoiar o cinema nacional, porquanto se configura em patrimônio cultural que reflete nossa identidade e nossa diversidade.

O fortalecimento do cinema brasileiro é essencial não só para a preservação de nossa cultura, mas também como um motor de desenvolvimento econômico e social.

Por final, ao apoiar a indústria do cinema nacional, investe-se em um Brasil mais plural, criativo e consciente de seu papel no cenário global.

Em primeiro plano, a Crítica de Cinema tem se mostrado, ao longo dos anos, uma ferramenta essencial para cinéfilos e apreciadores da sétima arte. Não se trata apenas de uma análise técnica ou artística de um filme, mas de uma ponte entre a obra e o público, capaz de enriquecer a experiência cinematográfica, proporcionando novas perspectivas e reflexões mais profundas.

Historicamente, ela surgiu quase simultaneamente ao próprio cinema, no início do século XX, quando os filmes passam a ser vistos não apenas como entretenimento, mas como arte. Críticos pioneiros começam a explorar os aspectos narrativos, estéticos e filosóficos das obras, oferecendo ao público um olhar mais apurado e crítico sobre o que estava sendo apresentado na tela. Isso permitiu que os espectadores pudessem apreciar o cinema de maneira mais rica e completa, compreendendo as nuances e intenções dos cineastas.

Outrossim, a relação entre críticos e cinéfilos é de interdependência. Enquanto os críticos fornecem análises detalhadas e contextualizadas das obras, os cinéfilos buscam nessas análises uma validação, orientação ou simplesmente uma nova forma de interpretar o que assistiram. A Crítica de Cinema, portanto, não é apenas uma avaliação binária de bom ou ruim, ela é uma discussão aprofundada sobre as camadas que compõem um filme, desde a direção e atuação até a trilha sonora e fotografia.

Ademais disso, a Crítica de Cinema tem um papel crucial na formação do gosto cinematográfico. Ao ler diferentes críticas, o cinéfilo tem a oportunidade de expandir seu repertório, descobrindo novos cineastas, gêneros e movimentos cinematográficos. Um bom crítico de cinema é, em muitos aspectos, um guia cultural, que não só informa, mas também educa e provoca reflexões no espectador. Essa educação informal é fundamental para que o público possa desenvolver um olhar crítico e autônomo, capaz de reconhecer as sutilezas de uma narrativa visual e de valorizar a complexidade de uma produção cinematográfica.

De outro vértice, com o advento da *internet* e a proliferação dos “*blogs*”, “*vlogs*” e redes sociais, a Crítica de Cinema passa por uma democratização. Se antes ela era restrita a jornais e revistas especializadas, hoje qualquer pessoa com acesso à *internet* pode expressar sua opinião sobre um filme. Isso trouxe um leque maior de vozes e perspectivas, o que é extremamente positivo, mas também exigiu do cinéfilo um senso crítico mais apurado para discernir entre análises bem fundamentadas e opiniões superficiais.

Por conseguinte, a Crítica de Cinema continua sendo uma aliada indispensável do cinéfilo. Ela não apenas enriquece a experiência de assistir a um filme, mas também ajuda a moldar a percepção cultural e artística do público.

Destarte, em um mundo onde somos constantemente bombardeados por novas produções, a crítica oferece um espaço para a reflexão e a discussão, permitindo que o cinema seja apreciado em toda a sua profundidade e complexidade.

Em epítome, longe de ser um simples veredito sobre a qualidade de um filme, a crítica se configura convite ao diálogo e à exploração do universo cinematográfico.

Preliminarmente, a saga "*Mad Max*" configura-se em série de filmes que revolucionou o gênero de ação e ficção científica, conquistando tanto a crítica quanto o público ao longo de suas quatro décadas de existência. Criada pelo visionário diretor George Miller, a franquia se constitui de cinco filmes principais: "*Mad Max*" (1979), "*Mad Max 2: A Caçada Continua*" (1981), "*Mad Max: Além da Cúpula do Trovão*" (1985), "*Mad Max: Estrada da Fúria*" (2015) e o mais recente "*Mad Max: Terra Devastada*" (2023).

Destarte, o primeiro filme, "*Mad Max*", estabelece o cenário distópico e brutal de um futuro próximo onde a sociedade está em colapso e a lei e a ordem praticamente desapareceram. Mel Gibson, em sua interpretação icônica do personagem principal Max Rockatansky, entrega uma performance intensa e memorável. A narrativa é simples, mas eficaz, retratando a transformação de Max de um policial dedicado a um vingador implacável após a morte de sua família. A direção de Miller é inovadora, utilizando cenas de perseguição frenéticas e perigosas que definiram um novo padrão para o gênero.

Outrossim, em "*Mad Max 2: A Caçada Continua*", o mundo pós-apocalíptico se aprofunda, com recursos escassos e gangues violentas dominando as estradas. Este filme é frequentemente considerado o melhor da série, graças à sua combinação perfeita de ação explosiva e desenvolvimento de personagens. As sequências de ação são magistralmente coreografadas e a cinematografia capturando vastas paisagens desoladas é impressionante. A evolução de Max, de um homem em busca de vingança para um herói relutante ajudando uma comunidade sitiada, acrescenta camadas emocionais ao personagem.

"*Mad Max: Além da Cúpula do Trovão*" marca uma mudança tonal na série. Embora mantenha a intensidade dos filmes anteriores, introduz elementos mais elaborados e um tom ligeiramente mais leve. A introdução de Tina Turner como a vilã Aunty Entity e a inclusão de crianças sobreviventes trazem novos elementos à narrativa. No entanto, alguns críticos argumentam que o filme perde um pouco da crueza e do foco dos seus antecessores, embora ainda ofereça momentos memoráveis e visuais impressionantes.

"*Mad Max: Estrada da Fúria*" revitalizou a série com um estrondo em 2015. Dirigido novamente por George Miller, este filme é uma obra-prima de ação contínua e ininterrupta. Tom Hardy assume o papel de Max, enquanto Charlize Theron rouba a cena. A trama é uma corrida desenfreada por um deserto infernal, com personagens em busca de redenção e liberdade. As cenas de ação são de tirar o fôlego, com efeitos espetaculares "*Furiosa: Uma Saga Mad Max*" e coreografias de ação que desafiam a lógica. A narrativa aborda temas de sobrevivência, sacrifício e esperança de uma maneira visceral e visualmente deslumbrante.

O mais recente filme de 2023, traz uma nova perspectiva e aprofunda ainda mais o universo apocalíptico da série. Embora Mel Gibson e Tom Hardy tenham estabelecido o personagem Max, o novo filme apresenta uma nova geração de personagens, mantendo a essência e a intensidade que os fãs esperam. A direção de George Miller continua a surpreender com sua capacidade de criar cenas de ação espetaculares e um mundo visualmente arrebatador. A trama explora ainda mais as temáticas de sobrevivência e humanidade em um mundo devastado, oferecendo aos espectadores uma experiência cinematográfica emocionante e profunda.

Em epítome, a saga "*Mad Max*" é uma realização cinematográfica notável que combina narrativa envolvente com ação de alta octanagem. Cada filme traz algo único para a série, desde a origem sombria e realista de "*Mad Max*" até a ópera apocalíptica de "*Estrada da Fúria*" e a expansão de "*Terra Devastada*". George Miller criou um universo que continua a capturar a imaginação dos espectadores, definindo novos padrões para o cinema de ação e estabelecendo "*Mad Max*" como uma pedra angular do gênero.

Em primeiro plano, a franquia cinematográfica "*Blade Runner*" ocupa um lugar especial na interseção entre filosofia, tecnologia e arte. Iniciada com o filme "*Blade Runner*" de Ridley Scott em 1982, e continuada com "*Blade Runner 2049*" de Denis Villeneuve em 2017, a série não apenas revolucionou o gênero de ficção científica, mas também instigou profundas reflexões sobre a condição humana, a ética da tecnologia e o futuro da humanidade.

Destarte, em um futuro distópico, "*Blade Runner*" apresenta uma sociedade onde a tecnologia avançada convive com os problemas sociais e éticos complexos. A trama principal gira em torno de "replicantes" — seres artificiais idênticos aos humanos, mas que são criados para servir a propósitos específicos. Esta coexistência entre humanos e replicantes levanta questões filosóficas sobre a natureza da consciência e da identidade. O que significa ser humano? Se uma entidade artificial pode pensar, sentir e ter memórias, ela não deveria ser considerada humana?

Outrossim, a criação dos replicantes traz à tona a questão da identidade. No primeiro filme, Rick Deckard, o protagonista, é um "*blade runner*", um caçador de recompensas encarregado de "aposentar" replicantes desobedientes. Ao longo de sua jornada, Deckard confronta a complexidade moral de sua missão. Os replicantes, liderados por Roy Batty, demonstram uma gama de emoções e desejos, questionando a linha que separa o humano do artificial. A famosa fala de Batty antes de sua morte — "Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva" — é um momento de profunda introspecção sobre a transitoriedade da vida e a busca por significado.

Por conseguinte, "*Blade Runner*" também aborda a ética da tecnologia. A criação de seres conscientes para servidão levanta questões sobre a moralidade da criação artificial. Em "*Blade Runner 2049*", essas questões são ampliadas. O protagonista K, um replicante, descobre um segredo que pode mudar a natureza da sociedade. A relação entre K e Joi, uma inteligência artificial projetada para ser uma companheira emocional, explora ainda mais a profundidade da interação humano-máquina. Até que ponto é ético criar seres conscientes para o nosso próprio conforto e utilidade?

A franquia é também um marco estético. O "*design*" visual de "*Blade Runner*" influenciou profundamente a representação de futuros distópicos no cinema. A direção de arte, com suas paisagens urbanas sombrias e chuvosas, *néon* brilhante e tecnologia avançada mas desgastada, cria uma atmosfera única que reflete o estado emocional e psicológico dos personagens. Em "*Blade Runner 2049*", essa estética é ampliada com uma paleta de cores mais vibrante e paisagens ainda mais grandiosas, mas mantendo a essência da visão original de um futuro ao mesmo tempo avançado e decadente.

Em suma, "*Blade Runner*" é mais do que uma saga de ficção científica, é uma obra de arte que convida à reflexão sobre questões fundamentais da existência humana em um mundo cada vez mais moldado pela tecnologia. Ao explorar a interseção entre identidade, consciência e ética tecnológica, a franquia desafia os espectadores a reconsiderar o que significa ser humano em um futuro em que a linha entre o natural e o artificial se torna cada vez mais tênue.

Em final, por via de sua narrativa complexa e visualmente deslumbrante, "*Blade Runner*" continua a ser uma poderosa meditação filosófica sobre a tecnologia sob a forma de arte.

Em primeiro lugar, o filme clássico "Era uma Vez na América" marcou época e continua a ser reverenciado como um dos grandes clássicos do cinema. Dirigido por Sergio Leone e lançado em 1984, o longa-metragem oferece um mergulho profundo e introspectivo na vida do crime organizado nos Estados Unidos da América, contando a história de amizade, traição e arrependimento entre um grupo de amigos.

De outro vértice, o filme, ambientado em diferentes épocas — da década de 1920 à década de 1960 — segue a vida de David "Noodles" Aaronson (Robert De Niro) e seus amigos na cidade de Nova York. A narrativa não-linear, característica do estilo de Leone, permite que o público acompanhe o desenvolvimento dos personagens ao longo dos anos, intercalando entre suas juventudes promissoras e suas vidas adultas repletas de desilusões.

Outrossim, um dos aspectos mais impactantes de "Era uma Vez na América" é seu enredo profundamente triste. A história aborda temas universais como a perda da inocência, a falência moral e a inevitabilidade do tempo, criando uma sensação de melancolia que permeia todo o filme. A tristeza é intensificada pela trilha sonora magistral de Ennio Morricone, cujas composições melódicas e emotivas complementam perfeitamente a atmosfera sombria da narrativa.

O impacto de um enredo triste em "Era uma Vez na América" pode ser observado em vários níveis. Em primeiro lugar, a tristeza dá profundidade aos personagens. Noodles, por exemplo, é um homem atormentado por suas escolhas passadas e pela traição de seus amigos. Sua jornada emocional é uma montanha-russa de arrependimento e desespero, o que o torna um personagem complexo e realista. A tristeza que permeia sua vida é palpável e ressoa com o público, que pode se identificar com seus sentimentos de perda e arrependimento.

Ademais disso, o enredo triste serve como um comentário sobre a natureza do sonho americano. O filme retrata a ascensão e queda de Noodles e seus amigos, mostrando como suas aspirações de riqueza e poder os levam a um caminho de destruição e desilusão. Esta narrativa sombria oferece uma crítica incisiva da busca implacável pelo sucesso e da corrupção moral que muitas vezes a acompanha.

O impacto de um enredo triste em "Era uma Vez na América" também se manifesta na forma como o filme é lembrado e reverenciado. A tristeza inerente à história cria uma experiência cinematográfica que é ao mesmo tempo envolvente e perturbadora, deixando uma impressão duradoura no público. Este impacto emocional profundo é uma das razões pelas quais o filme continua a ser estudado e apreciado por críticos e cinéfilos até hoje.

Em epítome, a tristeza em "Era uma Vez na América" realça a maestria de Sergio Leone como cineasta. Sua habilidade em tecer uma narrativa complexa e emocionalmente carregada, apoiada por performances memoráveis de um elenco estelar, resulta em uma obra de arte que transcende o gênero de filmes de *gângster*. A melancolia que permeia o filme não é apenas um artifício narrativo, mas uma reflexão autêntica sobre a condição humana, tornando "Era uma Vez na América" um clássico atemporal.

O filme "Era uma Vez na América" utiliza seu enredo triste para explorar temas profundos e universais, criando uma experiência cinematográfica que é ao mesmo tempo comovente e inesquecível. A tristeza que permeia a narrativa enriquece os personagens, oferece uma crítica social incisiva e demonstra a habilidade incomparável de Sergio Leone como contador de histórias.

Por final, este impacto emocional duradouro é o que continua a fazer de "Era uma Vez na América" um marco na história do cinema.

Preliminarmente, lançado em 1960, "Sete Homens e um Destino" ("*The Magnificent Seven*") é um *western* dirigido por John Sturges, amplamente reconhecido como um dos grandes clássicos do gênero. O filme, uma adaptação americana do célebre "Os Sete Samurais" (1954) de Akira Kurosawa, conseguiu transpor a essência do épico japonês para o Velho Oeste americano, resultando em uma obra marcante e influente. A história gira em torno de uma pequena vila mexicana que é repetidamente saqueada por uma gangue de bandidos liderados por Calvera, interpretado por Eli Wallach. Desesperados e sem recursos, os moradores da vila decidem contratar sete pistoleiros americanos para defendê-los. Esses pistoleiros, liderados por Chris Adams (Yul Brynner), são indivíduos complexos, cada um com suas motivações e passados obscuros. O grupo é composto por Vin Tanner (Steve McQueen), Bernardo O'Reilly (Charles Bronson), Lee (Robert Vaughn), Harry Luck (Brad Dexter), Britt (James Coburn) e Chico (Horst Buchholz).

Um filme clássico é uma obra cinematográfica que transcende sua época de lançamento e se mantém relevante, influente e apreciada ao longo do tempo. Esses filmes são frequentemente reconhecidos por suas qualidades artísticas, narrativas envolventes, atuações memoráveis, inovações técnicas e impacto cultural duradouro. Filmes clássicos não são definidos por um período específico, mas muitos deles surgem das "Eras de Ouro" do cinema, como os anos 1920 a 1960, especialmente em Hollywood. A par disso, os filmes clássicos frequentemente introduzem ou popularizam novas técnicas de filmagem, edição, efeitos visuais e sonoros que posteriormente influenciam a indústria cinematográfica. Atores, diretores e roteiristas de filmes clássicos muitas vezes se tornam figuras lendárias, cujos trabalhos continuam a ser estudados e celebrados.

Ademais, a apreciação por filmes clássicos também envolve um certo reconhecimento de seu contexto histórico e cultural. Entender as circunstâncias sob as quais um filme foi feito pode enriquecer a experiência de assisti-lo, proporcionando uma visão mais profunda sobre sua importância e seu legado.

Em epítome, um filme clássico consiste na resistência ao teste do tempo, permanecendo uma referência artística e cultural, que continua a inspirar e entreter audiências ao redor do mundo, independentemente das mudanças nas tendências cinematográficas e nos gostos do público. John Sturges, um mestre em dirigir "*westerns*", conseguiu criar uma narrativa envolvente e dinâmica, equilibrando ação e desenvolvimento de personagens. O impacto de "Sete Homens e um Destino" no cinema é inegável. O filme não só popularizou o sub gênero do *western* com um grupo de protagonistas, mas também influenciou inúmeras produções futuras. As atuações memoráveis de seu elenco estelar, combinadas com a direção habilidosa de Sturges, fizeram do filme um marco na história do cinema.

Por final, a narrativa de coragem, sacrifício e justiça continua a ressoar com o público, assegurando seu lugar como um verdadeiro clássico atemporal.

As culturas neolatinas, historicamente, sempre foram profundamente enraizadas na tradição da telenovela. Este formato narrativo, que consiste em uma sequência de capítulos interconectados, é mais do que um simples entretenimento; ele se tornou um espelho das realidades sociais, econômicas e culturais das sociedades que o abraçaram.

A telenovela, com suas histórias longas e desenvolvimentos de personagens que se estendem ao longo de dezenas ou até centenas de episódios, encontrou um lar natural nas culturas de países como Brasil, México e outros da América Latina e da Europa.

Por outro lado, nos Estados Unidos da América, o formato predominante sempre foi o seriado, ou seja, programas de televisão em que cada episódio é autônomo, com uma história completa e independente, mesmo que os personagens e o cenário sejam os mesmos. Este modelo reflete a abordagem cultural estadunidense de entretenimento rápido e satisfatório, onde o espectador não precisa de um compromisso a longo prazo com a narrativa.

Contudo, nos últimos anos, temos observado uma mudança significativa na forma como as culturas neolatinas consomem entretenimento televisivo. O seriado, outrora uma raridade em países como Brasil e México, começa a hegemonizar a programação televisiva e, ainda mais notável, as plataformas de *streaming*. Esse fenômeno pode ser atribuído a várias mudanças culturais e tecnológicas que ocorreram na última década.

No entanto, as novas mídias, especialmente as plataformas de “*streaming*” como *Netflix*, *Amazon Prime Video* e *HBO Max*, desempenham um papel crucial nessa transformação. Ao oferecer séries completas, em que cada episódio pode ser consumido de forma independente ou em sequência, as plataformas introduziram o público neolatino a uma nova forma de narrativa.

Destarte, o modelo de consumo “*on-demand*”, onde o espectador pode escolher assistir a um episódio de cada vez ou “maratonar” uma temporada inteira, se alinha perfeitamente com a estrutura do seriado.

Ademais disso, a globalização da cultura e a influência crescente da indústria de entretenimento dos Estados Unidos da América contribuem para essa mudança. Séries como “*Friends*”, “*Breaking Bad*” e “*Game of Thrones*” se tornaram fenômenos globais, seu formato de seriado se popularizou em diversos mercados internacionais, incluindo os países de cultura neolatina. A exposição constante a esse tipo de narrativa, aliada à popularidade dos enredos curtos e fechados, gradualmente mudou as preferências do público.

A adaptação das culturas neolatinas ao formato de seriado não significa o abandono completo da telenovela, mas sim uma diversificação no consumo do entretenimento. As telenovelas continuam a ser produzidas e consumidas, mas compartilham espaço com seriados que trazem novas propostas narrativas, personagens complexos e enredos que podem ser tanto autônomos quanto interconectados.

Em epítome, o seriado, que sempre foi a preferência nos Estados Unidos da América, conquistou gradualmente espaço nas culturas neolatinas, um processo catalisado pelas novas mídias e pelo consumo globalizado. O fenômeno ilustra como as fronteiras culturais podem se diluir diante de um mundo cada vez mais conectado, onde o entretenimento se torna uma linguagem universal, adaptando-se e evoluindo conforme os gostos e as tecnologias mudam.

Por final, o seriado não só se consolida como uma forma de narrativa popular, mas também redefine o modo como as histórias são contadas e consumidas em várias partes do mundo, inclusive nas etnias neolatinas.

Em primeiro lugar, Ennio Morricone, nascido em 1928 em Roma, na Itália, é amplamente reconhecido como um dos maiores compositores de trilhas sonoras da história do cinema. Sua carreira prolífica abrange mais de seis décadas, durante as quais ele compôs mais de 500 partituras para filmes e programas de televisão, além de mais de 100 obras clássicas. Morricone é especialmente célebre por seu trabalho inovador e transformador nos filmes de faroeste “*spaghetti*”, um subgênero do “*Far west*” que se popularizou nos anos 1960.

Outrossim, Morricone começou sua carreira musical estudando trompete e composição na Academia Nacional de Santa Cecília, uma das instituições de música mais prestigiadas da Itália. Seus primeiros trabalhos foram em grande parte dedicados a arranjos para orquestras de cinema e bandas italianas. Foi somente na década de 1960 que ele começou a ganhar notoriedade internacional, colaborando com o diretor Sergio Leone em uma série de filmes que redefiniram o gênero de faroeste.

A parceria entre Morricone e Leone começou com "Por um Punhado de Dólares" (1964), continuando com "Por uns Dólares a Mais" (1965) e culminando em "Três Homens em Conflito" (1966). Essas trilhas sonoras são marcadas pelo uso inovador de instrumentos pouco convencionais para o gênero, como a guitarra elétrica, a flauta, o coral e o assobio humano. As composições de Morricone trouxeram uma nova dimensão emocional aos filmes de Leone, complementando a estética visual com temas musicais poderosos e memoráveis que capturaram a tensão e a grandiosidade das narrativas.

Uma das marcas registradas de Morricone foi sua habilidade em criar temas melódicos que se tornaram indissociáveis dos filmes que o acompanham. O tema de "O Bom, o Mau e o Feio" é um exemplo perfeito disso. A melodia distintiva, combinada com a percussão rítmica e os vocais etéreos, não só complementa a ação na tela, mas também se tornou um ícone da cultura *pop*, reconhecível mesmo fora do contexto do filme.

Ademais dos faroestes, Morricone demonstrou sua versatilidade ao compor para uma variedade de outros gêneros cinematográficos. Em 1986, ele compôs a trilha sonora para "A Missão", um drama histórico dirigido por Roland Joffé. A música, que combina elementos de música barroca com sons indígenas sul-americanos, foi amplamente aclamada e ganhou o Prêmio *Grammy* de Melhor Trilha Sonora Instrumental, a partir de uma indicação ao Oscar.

Morricone também trabalhou em filmes de terror, como "O Exorcista II: O Herege" (1977), dramas como "Cinema Paradiso" (1988) e *thrillers* como "Os Intocáveis" (1987), dirigido por Brian De Palma. Este último rendeu-lhe um *Grammy Award* de Melhor Trilha Sonora Original e uma indicação ao Oscar.

A influência de Morricone estende-se além do cinema, com muitos de seus temas sendo reutilizados em contextos variados, desde comerciais de televisão até concertos de música clássica. Sua capacidade de evocar emoções profundas através da música, combinada com sua destreza técnica e criatividade sem limites, solidificou sua posição como um dos mestres compositores da era moderna.

Em epítome, o músico faleceu em 2020, deixando um legado imensurável para a música e o cinema. Sua genialidade em elaborar trilhas sonoras que transcendem o tempo e o espaço continua a inspirar músicos, cineastas e espectadores ao redor do mundo.

Por final, Morricone não apenas criou músicas para filmes, ele redefiniu a relação entre som e imagem, elevando a experiência cinematográfica a novos patamares e estabelecendo padrões que continuam a influenciar a indústria até hoje.

Em primeiro lugar, a crítica de cinema suplanta a análise de filmes. Ela envolve a interpretação, contextualização e avaliação de obras cinematográficas, proporcionando aos espectadores uma compreensão mais profunda e abrangente das películas. A importância da crítica de cinema reside na sua capacidade de mediar entre a indústria cinematográfica e o público. Críticos de cinema têm a responsabilidade de guiar os espectadores na escolha dos filmes que valem a pena ser vistos, fornecendo *insights* que podem não ser imediatamente aparentes.

Eles ajudam a destacar aspectos técnicos, narrativos e estéticos das obras, enriquecendo a experiência cinematográfica dos espectadores. Além disso, a crítica de cinema pode influenciar diretamente o sucesso comercial de um filme. Críticas positivas podem aumentar a bilheteria e a visibilidade de uma produção, enquanto críticas negativas podem prejudicar seu desempenho. Assim, os críticos têm um poder significativo na formação da opinião pública e na orientação do consumo cultural.

Outrossim, a crítica de cinema tem suas raízes nos primeiros anos do cinema, quando a sétima arte ainda estava em seus estágios iniciais de desenvolvimento. No início do século XX, revistas e jornais começaram a publicar análises de filmes, com críticos avaliando as produções em termos de narrativa, atuação, direção e outros elementos.

Com o avanço da tecnologia e o surgimento da *internet*, a crítica de cinema passou por uma transformação significativa. *Blogs*, *sites* especializados e redes sociais democratizaram o acesso à crítica, permitindo que qualquer pessoa com uma opinião e uma plataforma pudesse compartilhar suas visões sobre filmes. Isso levou a uma diversificação das vozes na crítica de cinema, tornando o campo mais inclusivo e representativo de diferentes perspectivas.

No entanto, malgrado a importância, a crítica de cinema enfrenta vários desafios. Um dos principais é a subjetividade inerente ao ato de criticar. Cada crítico tem suas próprias preferências, gostos e preconceitos, o que pode influenciar suas análises. Isso pode levar a divergências significativas entre críticos e entre críticos e o público. Outro desafio é a pressão comercial. Em alguns casos, críticos podem sentir-se pressionados a emitir opiniões favoráveis devido a relações com estúdios ou preocupações com a manutenção de suas carreiras. Esse tipo de influência pode comprometer a integridade da crítica e sua utilidade para o público. Além disso, o crescente volume de conteúdo disponível na era digital pode tornar difícil para os críticos destacarem-se e alcançarem seu público. Com tantos filmes sendo lançados constantemente, críticos precisam ser seletivos em suas escolhas e encontrar maneiras eficazes de comunicar suas análises.

De outro vértice, a crítica de cinema tem um impacto profundo na indústria cinematográfica. Ela pode influenciar o processo de premiação, com filmes bem avaliados recebendo indicações e prêmios em festivais e cerimônias. Essas honras podem aumentar a visibilidade de um filme e impulsionar suas chances de sucesso comercial.

Em epítome, na cultura popular, a crítica de cinema contribui para o diálogo em torno de temas sociais, políticos e culturais. Filmes frequentemente abordam questões contemporâneas, e os críticos têm o papel de contextualizar essas obras dentro de debates maiores, promovendo uma reflexão mais ampla e informada. A crítica de cinema é uma prática complexa e multifacetada que vai além da simples avaliação de filmes.

Por final, ela envolve uma análise aprofundada, contextualização e comunicação eficaz para enriquecer a experiência do público e influenciar a indústria cinematográfica. Apesar dos desafios, a crítica de cinema continua a ser uma ferramenta essencial para a mediação cultural e a promoção de um diálogo mais rico e informado sobre a sétima arte.

Preliminarmente, Guilherme de Almeida, um dos nomes mais reverenciados no cenário da crítica cinematográfica brasileira, deixou um legado marcante com sua visão perspicaz e análise profunda dos filmes. Nascido em 1890, em Campinas, no estado de São Paulo, Guilherme de Almeida foi um multifacetado homem de letras, atuando como poeta, ensaísta, tradutor e, notavelmente, crítico de cinema.

Outrossim, sua trajetória ilustra a importância da crítica não apenas como um julgamento estético, mas como uma forma de diálogo cultural. A carreira de Almeida no cinema começou em um período em que o cinema ainda buscava sua identidade e espaço como arte. Em meados do século XX, o cinema passava por transformações significativas, tanto tecnológicas quanto narrativas estando Almeida estava na linha de frente dessas mudanças. Seus escritos ajudaram a moldar a percepção do público e dos próprios cineastas sobre o valor artístico dos filmes.

Destarte, Almeida era conhecido por sua capacidade de contextualizar filmes dentro de uma perspectiva cultural e histórica mais ampla. Ele via o cinema não apenas como entretenimento, mas como uma poderosa ferramenta de comunicação e expressão artística.

Por conseguinte, seu trabalho de crítica ia além das análises superficiais, mergulhando nas camadas mais profundas das obras, explorando temas, simbolismos e a linguagem cinematográfica. Ele acreditava que o cinema era uma forma de arte capaz de refletir e influenciar a sociedade.

Ademais de crítico, Almeida também era um poeta laureado, o que sem dúvida influenciou seu estilo de escrita e sua sensibilidade estética. Suas poesias e suas prosas críticas compartilhavam um lirismo e uma atenção ao detalhe que se destacaram no panorama crítico da época.

Ele conseguiu fazer uma ponte entre a literatura e o cinema, mostrando como essas duas formas de arte podem se complementar e enriquecer mutuamente.

Seu impacto no cinema brasileiro não se limitou à crítica. Almeida esteve envolvido em várias frentes culturais, contribuindo para a disseminação e valorização do cinema nacional. Ele participou ativamente de debates, palestras e festivais, sempre promovendo a importância de um olhar crítico e bem-informado sobre os filmes. Suas contribuições foram fundamentais para a consolidação de uma crítica de cinema séria e respeitada no Brasil.

Almeida deixou um legado duradouro que continua a influenciar críticos e cinéfilos até hoje. Sua obra é um testemunho da importância de se abordar o cinema com seriedade e paixão. Em um tempo em que a crítica cinematográfica muitas vezes se vê reduzida a avaliações rápidas e superficiais, o exemplo de Almeida nos lembra do valor de uma análise cuidadosa e profunda.

Em epítome, a vida e a obra de Guilherme de Almeida são um convite para que todos, críticos ou não, vejam o cinema com olhos mais atentos e coração aberto.

Por final, ele nos ensinou que cada filme, independentemente de sua origem ou gênero, carrega em si o potencial de nos transformar, nos fazer refletir e, sobretudo, nos emocionar.

Sábato Magaldi ressoa profundamente nos círculos teatrais do Brasil, reconhecido por sua contribuição inestimável à crítica teatral e por seu papel na valorização do teatro brasileiro e no cenário mundial. Nascido em Belo Horizonte, em 9 de maio de 1927, Magaldi trilhou um caminho que o estabeleceu como um dos críticos teatrais mais respeitados e influentes do país.

Desde jovem, Magaldi demonstrou uma inclinação natural para as artes e a literatura. Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, sua paixão pelo teatro o levou a abandonar a carreira jurídica para se dedicar integralmente à crítica teatral. Sua estreia como crítico ocorreu no jornal "Diário de Minas", onde rapidamente se destacou por suas análises perspicazes e profundas.

Mudando-se para a cidade de São Paulo, Sábato Magaldi consolidou sua carreira escrevendo para os principais veículos de comunicação da época, como "O Estado de São Paulo" e a revista "Visão". Sua escrita era marcada por uma combinação de rigor acadêmico e sensibilidade artística, qualidades que o tornaram uma referência para artistas, acadêmicos e leitores interessados em teatro. Magaldi não apenas criticava, mas também educava seu público, ajudando a formar uma geração de espectadores mais críticos e informados.

Uma das contribuições mais significativas de Magaldi foi seu papel na promoção do teatro brasileiro contemporâneo. Ele foi um defensor incansável de dramaturgos como Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna e Plínio Marcos, ajudando a elevar suas obras a “*status*” de relevância nacional e internacional. Magaldi entendia que o teatro era uma forma de arte viva, que refletia e influenciava a sociedade, e sua crítica buscava sempre contextualizar as peças dentro do panorama cultural e político do Brasil.

Ademais de sua “performance” na imprensa, Magaldi também teve uma carreira acadêmica prolífica. Foi professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), onde influenciou inúmeras gerações de estudantes de teatro e literatura. Seus livros, como "Panorama do Teatro Brasileiro" e "O Texto no Teatro", são considerados leituras essenciais para qualquer estudioso da área, oferecendo uma visão abrangente e detalhada da evolução do teatro no Brasil.

Outrossim, desempenhou papel fundamental na internacionalização do teatro brasileiro. Participou de diversos congressos e seminários ao redor do mundo, levando consigo um vasto conhecimento sobre a cena teatral brasileira e estabelecendo pontes entre artistas e acadêmicos de diferentes países. Sua atuação ajudou a colocar o Brasil no mapa do teatro mundial, promovendo intercâmbios culturais frutíferos.

Em reconhecimento à sua contribuição para a cultura brasileira, Magaldi recebeu inúmeros prêmios e homenagens ao longo da sua carreira, incluindo o Prêmio Molière de Teatro e o Prêmio Jabuti de Literatura. Mesmo após sua aposentadoria oficial, continuou a ser uma voz ativa e respeitada no meio teatral, até seu falecimento em 14 de julho de 2016.

Em epítome, a trajetória de Sábato Magaldi é um testemunho do poder da crítica cultural como ferramenta de transformação social e artística. Seu legado permanece vivo nas páginas que escreveu, nas mentes que influenciou e na cultura teatral que ajudou a moldar.

Por final, Magaldi não foi apenas um crítico de teatro; foi um verdadeiro patrono das artes, cuja paixão e dedicação continuam a inspirar e orientar o teatro brasileiro.

Primeiramente, o circo se configura em arte secular que transcende culturas, épocas e fronteiras, mantendo seu fascínio através dos séculos. Originado há milhares de anos, suas raízes podem ser rastreadas até as civilizações antigas, como a romana, onde espetáculos de acrobacias, gladiadores e exposições de animais selvagens eram comuns.

No entanto, o circo, como o conhecemos hoje, começou a tomar forma na Europa do século XVIII.

O circo moderno foi criado por Philip Astley, um ex-sargento da cavalaria inglesa, em 1768. Astley montou um espaço circular em Londres onde apresentava *shows* de equitação combinados com acrobacias e malabarismo. Esse formato, que combinava várias artes performáticas, logo se tornou popular e foi adotado por artistas em toda a Europa. O "anel" do circo, que tinha cerca de 13 metros de diâmetro, tornou-se uma característica distintiva desse novo tipo de entretenimento.

De outro vértice, a partir do século XIX, o circo se expandiu para além da Europa, chegando aos Estados Unidos da América, onde ganhou uma nova dimensão com a introdução dos "circos itinerantes". Esses circos viajavam de cidade em cidade, montando suas grandes lonas e apresentando espetáculos grandiosos que combinavam performances humanas e animais.

O circo estadunidense, notoriamente associado a nomes como Phineas Taylor Barnum e o "*Ringling Bros. and Barnum & Bailey Circus*", tornou-se sinônimo de entretenimento popular, atraindo multidões e estabelecendo o circo como uma parte essencial da cultura americana.

Todavia, a arte circense não se restringe às grandes produções. Ao longo dos anos, surgiram diversas formas e estilos de circo, incluindo o "circo de um só homem" e o "circo social", que utiliza as artes circenses como ferramentas de inclusão e transformação social.

Destarte, exemplo moderno de inovação no circo consiste o *Cirque du Soleil*, que desde os anos 1980, vem redefinindo o conceito de circo, combinando teatro, dança, música e acrobacias em espetáculos sem a participação de animais.

O circo, ao longo de sua história, tem sido um reflexo das transformações sociais e culturais de cada época.

Desde as suas origens até as novas expressões contemporâneas, o circo continua a encantar o público com a magia e a habilidade dos artistas que desafiam os limites do corpo humano e criam universos fantásticos que permitem a todos, por um momento, esquecer a realidade e se deixar levar pela imaginação.

Conquanto, as mudanças e os desafios enfrentados, como a crescente conscientização sobre os direitos dos animais e as pressões econômicas, o circo continua a ser uma forma vibrante de expressão artística.

Seja em um grande circo com várias tendas ou em um pequeno espetáculo comunitário, o circo mantém viva a tradição de maravilhar e inspirar pessoas de todas as idades.

Em epítome, destarte, o circo permanece uma arte secular que, mesmo com as mudanças ao longo do tempo, continua a ocupar um lugar especial no coração das pessoas, conectando gerações por meio do riso, da emoção e do espanto.

Isagógicamente, a arte-educação campo interdisciplinar que combina práticas artísticas e educativas para promover o desenvolvimento humano, cultural e social. A integração de artes visuais, música, teatro, dança e outras formas de expressão artística no ambiente educacional visa a proporcionar uma educação mais holística, onde a criatividade, a sensibilidade estética e o pensamento crítico são valorizados. Este artigo busca apresentar uma visão introdutória sobre a arte-educação, destacando suas origens, fundamentos teóricos e práticas pedagógicas, bem como sua relevância no contexto educacional contemporâneo.

Outrossim, deita raízes na pedagogia progressista do final do século XIX e início do século XX, influenciada por educadores como John Dewey e Maria Montessori. Dewey, em particular, defendia a ideia de que a educação deve ser centrada no aluno e que a arte desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral do indivíduo. A abordagem Montessori, por sua vez, enfatiza a importância do ambiente preparado e da liberdade criativa na aprendizagem. No decorrer do século XX, a arte-educação ganhou força como uma disciplina acadêmica e prática pedagógica, com a criação de programas específicos de formação de professores de artes e a inclusão de disciplinas artísticas nos currículos escolares. Movimentos artísticos e educacionais, como o *Bauhaus* na Alemanha e o *Black Mountain College* nos Estados Unidos, também contribuíram significativamente para a evolução da arte-educação, promovendo uma visão integrada das artes na educação.

Destarte, a arte-educação se fulcra por uma variedade de teorias que enfatizam a importância da arte no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos. Entre essas teorias, destacam-se: a Teoria da Experiência Estética, desenvolvida por John Dewey, que postula que a experiência estética é fundamental para a aprendizagem, pois envolve a interação ativa entre o indivíduo e o ambiente. Dewey argumenta que a arte permite um engajamento profundo com o mundo, promovendo a reflexão e a compreensão. A Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner, sugere que existem diferentes tipos de inteligência, incluindo a inteligência espacial e a inteligência musical. A arte-educação, segundo Gardner, é essencial para o desenvolvimento dessas inteligências, que muitas vezes são negligenciadas em currículos tradicionais. A Teoria Sociocultural, inspirada pelos trabalhos de Lev Vygotsky, enfatiza a importância do contexto social e cultural na aprendizagem. A arte-educação, nessa perspectiva, é vista como um meio para os alunos explorarem e expressarem suas identidades culturais e sociais.

De outro vértice, as práticas pedagógicas em arte-educação são variadas e adaptáveis a diferentes contextos e necessidades. Alguns métodos comuns incluem: atividades interdisciplinares, que integram disciplinas artísticas com outras áreas do conhecimento, como história e matemática, para promover uma aprendizagem contextualizada e significativa; projetos artísticos colaborativos,

que incentivam a cooperação, o diálogo e a troca de ideias, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais e de trabalho em equipe; laboratórios de criação, que são espaços dedicados à experimentação e à criação artística, onde os alunos têm a liberdade de explorar materiais, técnicas e ideias de forma autônoma e criativa; e o estudo de artistas e obras, que proporciona aos alunos uma compreensão mais profunda do contexto histórico e cultural da produção artística.

No contexto educacional contemporâneo, a arte-educação assume uma importância crescente frente aos desafios de um mundo cada vez mais complexo e interconectado. Entre os principais benefícios da arte-educação, destacam-se: o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, resiliência e autoestima, que são essenciais para a vida pessoal e profissional; o fomento à criatividade e inovação, competências cada vez mais valorizadas em um mercado de trabalho em constante transformação; a promoção da inclusão e diversidade, valorizando diferentes formas de expressão e identidades culturais; e o aprimoramento do pensamento crítico, através da análise crítica de obras de arte e processos criativos, desenvolvendo a capacidade de reflexão e argumentação, fundamentais para a cidadania ativa.

Em epítome, a arte-educação, ao integrar as ações artísticas e pedagógicas, oferece uma abordagem educativa que valoriza o desenvolvimento integral dos indivíduos, promovendo a criatividade, o pensamento crítico e as competências socioemocionais. Suas raízes históricas, fundamentos teóricos e práticas pedagógicas evidenciam sua relevância e potencial transformador no contexto educacional contemporâneo.

Por final, ao reconhecer a importância da arte na educação, estamos contribuindo para a formação de cidadãos mais sensíveis, críticos e inovadores, capazes de operar de forma judiciosa e significativa na sociedade.

Em primeiro plano, as Artes Visuais desempenham papel crucial na educação básica, porquanto oferecem uma plataforma única para o desenvolvimento holístico e multifacetado dos alunos. Desde os primeiros anos escolares, a exposição às artes visuais estimula a criatividade, promove a expressão pessoal e fortalece habilidades cognitivas e emocionais essenciais.

Outrossim, as Artes Visuais são uma forma poderosa de expressão criativa. Permitem que os alunos explorem e manifestem suas ideias, emoções e percepções de maneira que as palavras muitas vezes não conseguem capturar. Isso é especialmente vital para crianças e adolescentes, visto que facilita o autoconhecimento e a construção de identidade pessoal sólida.

Ademais disso, o estudo das Artes Visuais desenvolve habilidades cognitivas fundamentais. A análise visual requer observação detalhada e pensamento crítico, enquanto a criação artística envolve planejamento, tomada de decisão e resolução de problemas. Essas habilidades não apenas melhoram o desempenho acadêmico geral, mas também preparam os alunos para enfrentar desafios complexos em diversas áreas da vida.

De outro vértice, em contexto educacional mais amplo, as artes visuais contribuem para um ambiente escolar enriquecedor e inclusivo. Elas oferecem uma variedade de formas de aprendizado que podem atender às necessidades diferentes de cada aluno, seja visualmente, auditivamente ou sinestesticamente. Isso promove a equidade educacional, permitindo que todos os estudantes participem e prosperem no processo de aprendizagem.

A par dos benefícios individuais e cognitivos, as Artes Visuais também têm um impacto significativo no bem-estar emocional dos alunos. A criação artística pode servir como uma saída terapêutica, ajudando os jovens a lidarem com o estresse, a ansiedade e outras questões emocionais.

Por conseguinte, em um mundo cada vez mais voltado para o digital e para a velocidade, as Artes Visuais proporcionam um espaço para a contemplação, a introspecção e a conexão com os outros.

Em epítome, a inclusão das Artes Visuais no currículo escolar fortalece a apreciação estética e cultural dos alunos. Expor crianças e adolescentes a diversas formas de arte amplia seus horizontes, promove a compreensão intercultural e desenvolve um senso de apreciação pela beleza e pela diversidade do mundo ao seu redor.

Por final, as artes visuais na educação básica não são apenas importantes, mas essenciais. Elas enriquecem a experiência educacional dos alunos, estimulam o crescimento pessoal e acadêmico, e cultivam habilidades cruciais para o sucesso no século XXI. Investir nas artes visuais é, em corolário, investir no desenvolvimento integral e na formação de indivíduos criativos, críticos e culturalmente habilitados.

Isagógicamente, a Pós-Modernidade, enquanto período cultural e filosófico que se seguiu à modernidade, trouxe consigo uma série de transformações profundas nas esferas social, econômica e, especialmente, nas manifestações artísticas.

Uma das características mais marcantes desse período é a interseção entre arte e tecnologia, que não apenas redefine a produção artística, mas também questiona os limites do que entendemos por "arte".

Outrossim, a arte na Pós-Modernidade se distingue por seu caráter fragmentado e pluralista, o que reflete a própria natureza desse período. As grandes narrativas da modernidade, que buscam uma verdade universal e uma forma de arte que transcende o tempo e o espaço, são substituídas por uma multiplicidade de discursos, estilos e formas de expressão.

Nesse contexto, a tecnologia emerge não apenas como uma ferramenta, mas como um elemento intrínseco ao processo criativo.

Destarte, com o advento das tecnologias digitais, a arte se reinventa e passa a explorar novas possibilidades expressivas. A fotografia, o cinema, e, mais recentemente, as mídias digitais e a *internet*, abrem caminho para experimentações que desafiam as noções tradicionais de originalidade e autenticidade.

Obras que integram vídeo, som, interatividade e simulações digitais tornam-se corriqueiras, evidenciando uma ruptura com o suporte tradicional e sugerindo novas formas de percepção estética.

Artistas como Nam June Paik, conhecido por suas instalações de vídeo, e Cindy Sherman, que utilizou a fotografia para questionar identidades e estereótipos, exemplificam como a tecnologia se torna central na produção artística pós-moderna.

A obra de Paik, a título de exemplo, não poderia existir sem a televisão, o vídeo e outros dispositivos eletrônicos que ele manipulava para criar uma linguagem artística própria.

Da mesma forma, a fotografia de Sherman, que inicialmente utilizava recursos analógicos, evoluiu para incorporar técnicas digitais, ampliando as possibilidades de sua crítica social e cultural.

A *internet*, em particular, desempenha um papel revolucionário ao democratizar o acesso à arte e possibilitar novas formas de produção e distribuição. Surgem novas categorias de arte, como a *net art*, que se utiliza da rede mundial de computadores como plataforma de criação e exposição. Nessa modalidade as fronteiras entre o artista e o espectador são borradas, permitindo interações que antes eram impensáveis.

O conceito de autoria também é questionado, já que muitos desses trabalhos são colaborativos e envolvem a participação direta do público.

Ademais disso, o uso de Algoritmos e Inteligência Artificial (IA) na criação artística levanta questões sobre a natureza da criatividade e da subjetividade na arte. O trabalho de artistas que utilizam IA, como o coletivo Obvious, que criou o famoso retrato "Edmond de Belamy" vendido em leilão por uma quantia significativa, ilustra como a tecnologia pode não apenas auxiliar, mas também desafiar a figura do artista tradicional.

A partir desse ponto, surgem debates sobre a originalidade e o papel do ser humano na criação artística, questionando se a arte gerada por máquinas pode ser considerada arte na essência.

Entretanto, essa estreita relação entre arte e tecnologia na pós-modernidade, não é isenta de críticas. Alguns argumentam que a dependência da tecnologia pode desumanizar a arte, transformando-a em um produto frio e sem alma.

Outros veem na tecnologia uma forma de alienação, onde o fascínio pelos *gadgets* e pelas novas mídias pode levar a um distanciamento das questões humanas fundamentais que a arte tradicionalmente aborda.

Conquanto as críticas, configura-se inegável que a tecnologia proporciona uma ampliação sem precedentes das possibilidades criativas.

Na Pós-Modernidade, a arte se expande para além dos museus e galerias, infiltrando-se no cotidiano através de dispositivos móveis, redes sociais e plataformas digitais. A arte, portanto, torna-se mais acessível e interativa, refletindo as dinâmicas de um mundo cada vez mais interconectado e digitalizado.

À guisa de conclusão, a relação entre arte e tecnologia na pós-modernidade é complexa e multifacetada.

Se, por um lado, a tecnologia desafia as noções tradicionais de arte, por outro, ela oferece novas ferramentas e linguagens para expressar as angústias, dilemas e esperanças no ser humano do século XXI.

Por final, nesse sentido, a arte pós-moderna, ao integrar a tecnologia, não apenas reflete as transformações da sociedade contemporânea, mas também contribui para moldar o futuro da cultura e da própria condição antrópica.

REALIZAÇÃO:

SEVEN
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.